

Realidades espaciais e narrativa imaginária em obras de Autran Dourado e Rui Mourão

*Alexandre Veloso de Abreu**

RESUMO

Este trabalho pretende discutir, usando como recorte teórico o capítulo “Ato de fingir”, do livro *O fictício e o imaginário, perspectivas de uma antropologia literária* de Wolfgang Iser (1996), a relação entre realidade e ficção, proposta em dois romances de autores mineiros: *Sinos da Agonia* (1974), de Autran Dourado e *Boca de Chafariz* (1991), de Rui Mourão.

Iser esclarece em seu texto a intrínseca interação entre o que se usou designar como realidade e ficção. Para o teórico, a dicotomia dos termos não é assim tão clara. Sugere, então, que se crie uma tríade, capaz de intensificar e dinamizar a relação, conciliando o referente (o real), o fictício e o imaginário (cf. Iser, 1996, p. 13-33). Com as reflexões de Iser em mente, tem-se a intenção de confrontar os romances *Sinos da Agonia* (1974), de Autran Dourado e *Boca de Chafariz* (1991), de Rui Mourão, a fim de se estabelecer como se manifestam os conceitos do teórico da recepção nas narrativas.

“Ato de fingir” inicia-se afirmando ser “amplamente aceito que os textos literários são de natureza ficcional”. Lembrando o “saber-tácito”, uma espécie de saber implícito, do senso comum, que destaca a dicotomia entre realidade e ficção, Iser questiona divisão tão segmentada ao indagar: “Os textos ‘ficcionalizados’ serão de fato tão ficcionais e os que assim não se dizem serão de

* Aluno do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

fato isentos de ficções?” Para exemplificar seu questionamento, o teórico afirma que o problema se intensifica, quando se percebe que “o texto ficcional contém elementos do real sem que se esgote na descrição do real”. E aponta para outros aspectos componentes do fictício: não ter uma finalidade em si, ser fingimento, e ser, portanto, a preparação do imaginário.

Depois de ter destacado o imaginário, Iser sugere uma tríade para romper a enraizada concepção dicotômica entre realidade e ficção. Tal tríade englobaria o real, o fictício e o imaginário, que, para ele, apresenta uma propriedade fundamental do texto ficcional. O ato de fingir, então, corresponde ao fictício do texto ficcional. Vale ressaltar como o real, o fictício e o imaginário são compreendidos no texto. O real está para o mundo extratextual, a exposição de fatos prévios ao texto e, conseqüentemente, age como seu campo de referência. O real aqui apresentado refere-se à multiplicidade dos discursos e aos acessos variados que cada autor escolhe para abordá-los. O fictício consiste num ato intencional, que endossa o caráter de mentira, do não-real do texto. Age, em suma, como sujeito antagônico às outras concepções apresentadas. O imaginário, o elemento mais perturbador da tríade, transita entre os outros, fazendo com que o fluxo do círculo comunicacional proposto por Iser funcione. Ao mesmo tempo que afirma “no ato de fingir, o imaginário ganha uma determinação que lhe é própria e adquire, deste modo, um atributo de realidade; pois a determinação é uma definição mínima do real”, Iser esclarece que “o imaginário não se transforma em um real por efeito da determinação alcançada pelo ato de fingir”. O teórico propõe trabalhar a conexão entre o fictício e o imaginário, para descobrir como o imaginário funciona, a partir dos efeitos descritíveis que possam abrir vias para o imaginário. Torna-se, pois, necessária a interação de várias funções para que se realize a “mediação”, no texto ficcional, do imaginário com o real.

No entanto, é importante ressaltar que sempre permanece como característica dos “atos de fingir” a transgressão dos limites já impostos pelo “saber-tácito”. Como produto de um autor, cada texto é uma forma determinada de acesso ao mundo. Com isso, Iser levanta a questão da seleção, uma habilidade de se aproximar de cada texto ficcional. “Sendo o ato de seleção um ato de fingir, que, como transgressão de limites, possui o caráter de acontecimento, sua

função se funda no que é por ele produzido”. Mais adiante Iser afirma a possibilidade de apreender a intencionalidade do texto, por intermédio da seleção. Esta mesma seleção é necessária a cada texto ficcional, dos sistemas contextuais preexistentes, sejam eles de natureza sócio-cultural ou mesmo literária. Iser ainda frisa que: “a seleção é uma transgressão de limites na medida em que os elementos do real acolhidos pelo texto se desvinculam então da estruturação semântica ou sistemática de que foram tomados. Isso vale tanto para os sistemas contextuais, quanto para os textos literários”. Ultrapassar estes limites, supri-los, complementá-los, valorizá-los, equívale ao que Nelson Goodman, em seu *Way of Worldmaking* chamou de “produção do mundo”.

A intencionalidade do texto encontra-se com as sobrecarregadas discussões sobre a intenção autoral. O desejo de descobrir a verdadeira intenção do autor conduziu à indagação da psique do autor ou das estruturas de sua consciência. Para Iser, é provável que essa intenção não se revele nem na psique, nem na consciência, mas que “possa ser abordada apenas através das qualidades de manifestação que se evidenciam na seletividade do texto face a seus sistemas contextuais”. Esta intencionalidade, se revelada no ato de fingir, será considerada um “objeto transicional”, termo sugerido por Winnicott, pois tramará entre o real e o imaginário, agindo como campo de referência no real e agindo como condição de representabilidade no imaginário.

Iser lança mão da terminologia de Nelson Goodman, o *fact from fiction*, quando deseja falar do ato de fingir como uma combinação que cria relacionamentos intratextuais. Um texto alcança um grau elevado de faticidade, alude ao fato verossímil, mas não partilha de seu caráter de realidade, embora, por sua determinação, provoque a aparência de ser real. Uma afirmação pertinente e muito bem articulada no texto diz que “a força, o poder de qualquer texto, mesmo o mais descaradamente mimético, está naqueles momentos que excedem nossa capacidade de categorizar, que conflitam com nossos códigos interpretativos, mas que, apesar disso, parecem corretos”.

O léxico também aparece analisado pelo teórico. Refletindo sobre uma língua própria nas obras de ficção, Iser ressalta que, no ambiente ficcional, o uso do léxico também se mostra como ruptura dos limites. Apesar de um uso conotativo prevalecer no ato de fingir, seu lado denotativo não desaparece to-

talmente, o lado referencial o vincula à realidade. Iser recorre novamente ao teórico Goodman para elucidar esta questão do relacionamento que converte a função designativa em função figurativa. Para Goodman, tal referência, que remete ao figurativo da língua, tem duas conseqüências. A primeira: a linguagem deve transgredir sua função designativa, para manifestar, pelo uso figurativo, a impossibilidade de exata representação ou tradução de sua referencialidade. A segunda destaca que a linguagem, isenta de designação, abre, por intermédio de sua figuração, a possibilidade de representar aquilo a que se refere. A língua, então, perde força, mas admite que a representabilidade se torne possível, sem se tornar idêntica àquilo que deseja representar. Assim se estabelece a linguagem figurativa como uma ambigüidade peculiar, pois, ao mesmo tempo que funciona como análoga da representabilidade é símbolo da intraduzibilidade verbal da realidade que quer apontar.

Iser esclarece que “os atos de fingir do texto ficcional dizem respeito à transgressão dos campos de referência intratextuais”. Tal afirmação ajuda a endossar que a ficção é um pacto entre autor e leitor e não um gênero preestabelecido. O autor, então, pontua, confirmando a transgressão: “Pois as ficções não só existem como textos ficcionais; desempenham elas um papel importante tanto nas atividades do conhecimentos, da ação e do comportamento, quanto no estabelecimento de instituições, de sociedades e de visões do mundo”. Por conseqüência, “a ficção preocupada com a explicação, na dissimulação de seu estatuto próprio, se oferece como aparência da realidade, de que ela necessita, pois só assim pode funcionar como a condição transcendental de constituição da realidade”.

Iser cita exemplos de leitores que não percebem as nuances descritas acima, e logo pondera sobre o termo que Vaihinger chama de *como se*. Que na verdade fala sobre uma condição denominada de irreal ou impossível. O *como se* ajuda a clarear as reflexões sobre o imaginário. O *como se* implica que o mundo representado deve ser considerado como se fosse um mundo. “Daí resulta que o mundo representado no texto não se refere a si mesmo e que, por seu caráter remissivo, representa algo de diverso de si próprio”. Revela-se aqui de novo o modo característico do fictício: ser transgressão de limites. Ainda sobre o *como se*, Iser pronuncia-se afirmando que: se o mundo do texto se caracteriza

pelo *como se*, isso significa que sempre algo diverso deve ser introduzido no mundo representado no texto, que ele próprio não é. “Pois o elemento de comparação na expressão *como se* é um ‘impossível’ ou um ‘irreal’, a que se deve visar através do mundo representado”. O mundo *como se*, embora não seja um mundo real, deve ser considerado como tal, pois imaginar o mundo do texto como se fosse um mundo provoca atitudes e por consequência a transgressão. O *como se* revela-se como a possibilidade para que o texto reflita a realidade empírica, mas ao mesmo tempo não se confunde com o mundo real.

Concluindo o texto, Iser atesta que os “atos de fingir”, que aparecem no texto ficcional, apresentam um traço geral dominante: serem atos de transgressão. Na combinação entre texto e sistemas contextuais do texto, tem-se uma transgressão dos espaços semânticos intratextualmente construídos, fator que vale tanto para a ruptura de limites do significado lexical, quanto para o acontecimento central da narrativa. O *como se* manifesta-se com a certeza de que não se pode proferir nenhuma afirmação verdadeira do mundo proposto. Avisa ao leitor que o mundo no qual vai-se adentrar é ficção. O final do texto é dedicado ao enfoque de um dos elementos da tríade inicialmente proposta: o fictício. Iser o destaca, qualificando-o como uma específica forma de “objeto transicional” que se move “entre o real e o imaginário, com a finalidade de provocar sua mútua complementaridade”. Para Iser o fictício oferece ao imaginário a possibilidade de que este se faça presente no produto verbal do texto, medida que, para o teórico, faz com que a própria língua seja transgredida e enganada, para que, no engano da língua, “o imaginário, como causa possibilitadora do texto, se torne presente”.

Sinos da Agonia nos ambienta em uma realidade espacial referente, quando instrui que sua história se passa na Ouro Preto do século dezoito. Neste aspecto, a proposta de Iser parece ser contemplada, pois o referente espacial transporta a narrativa para um ambiente real, reconhecível, descrito e dimensionado. Tal referência é nítida nas descrições de Ouro Preto: “Do alto da Serra do Ouro Preto, depois da Chácara do Manso, à sinistra do Hospício da Terra Santa, ele via Vila Rica adormecida, esparramada pelas encostas dos morros e vales lá embaixo”. (p. 11)

Ou ainda:

Escondido nas ruínas de uma mina abandonada, nos contrafortes da Serra do Ouro Preto, à direita do caminho das Lajes, protegido pelos galhos de uma gameleira, entre avencas, samambaias e pedras de canga, ele via a cidade dormindo. O rressonar suave, a aragem fria da noite impregnada de surdos ruídos e cheiros macios. (p. 12)

Uma descrição espacial mais precisa ocorre na seguinte passagem

(...) uma luz alvaiaada rebrilhando nas pedras do calçamento, nas lajes lisas e polidas das ladeiras, o luar iluminando com o seu brilho esbranquiçado as casas caiadas de branco, as igrejas solitárias (a Carmo no Morro de Santa Quitéria, São Francisco ele não podia ver, a nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, a do pilar cercada de sobrados, quase invisível, no outro lado, no Ouro Preto, mais adiante as Cabeças), a Igreja do Carmo, cujo perfil se recortava nítido, os telhados negros das casas riscados contra a alvura empoeirada do céu, onde as estrelas miúdas e pálidas feneciam. (p. 13)

Pode-se perceber, nos trechos citados, a ocorrência do fluxo da tríade iseriana, convidando o imaginário e o fictício a partilharem do referente espacial. Por meio dela, o leitor passa a dar atenção a uma história que, embora performe sua ação em espaço referente, existente, constrói, por meio dela, uma realidade diegética. O fictício assim como o imaginário participam do espaço e da referência ditada por ele. O referente espacial, muitas vezes preciso e coeso, interage com o mundo imaginário e o ficcional da narrativa, não perdendo sua postura referencial, mas envolvendo-se com o não referente, o não real. Dourado insere a Ouro Preto colonial em um cenário de tragédia clássica da Grécia antiga, quando alude à história de *Hipólito* de Eurípedes, da *Fedra* de Sêneca e, com mais ênfase, à *Fedra* de Racine em sua narrativa.

Interessante é notar os elementos da tragédia revisitados, transitando no triângulo proposto por Iser no relacionamento entre realidade e ficção. O ambiente mítico das tragédias e suas personagens divinas não desarmonizam a interação do imaginário, do fictício e do real, no romance. Não é exclusivo da ficção ter umas madrasta apaixonada pelo enteado como não é exclusivo da realidade ter ruas e cenários reconhecíveis.

Dourado intensifica sua história, intercalando nela o fictício e o referente. O enredo constrói-se no intertexto de histórias muito vivas do imaginário grego e ocidental. Tais histórias foram escritas para serem dramatizadas e não almejaram a originalidade. Autores partiam de enredos já conhecidos de

seu público, procurando com isso uma imediata empatia para obter a catarse, um dos elementos principais da tragédia.

Sínos da Agonia lança mão deste enredo de domínio público para chamar a atenção de seu leitor, para que pactue com o ambiente *como se* presente na Grécia de Eurípedes, no Lácio de Sêneca ou na França de Racine. Transposto para Ouro Preto, um referente reconhecível, o enredo procura ambientar um imaginário e um fictício, também reconhecíveis, para o leitor. Deve-se considerar que o leitor necessita de acionar a associação intertextual proposta para que toda essa ligação seja possível. Pode-se perceber no romance um intenso fluxo da tríade de Iser: os elementos do referente, no caso Ouro Preto, participam do jogo textual da narrativa, ambientada em um imaginário e em um fictício próximos.

Dourado insere sua obra no fictício, mas de maneira nenhuma estabelece nela o total desprendimento da realidade. O imaginário, quase mítico, tramita no espaço referente, por isso aproxima-se do leitor, provoca a interação com ele e, como propusera Iser, proporciona a ruptura, acenando para um novo horizonte de expectativas.

Boca de Chafariz, de Rui Mourão, adota postura similar à do romance de Autran Dourado. No entanto, não só o ambiente espacial, como as personagens calcam-se no referente. A tríade de Iser permanece acionada, mas os elementos de transição parecem atenuados. O alto grau de referência parece querer dotar todo o texto de realidade. O ambiente espacial e as personagens contribuem para essa associação. Vale lembrar que, mesmo com o teor referencial marcante, a narrativa ainda se movimenta nos campos do fictício e do imaginário. O referente das personagens, por exemplo, é constantemente questionado por intermédio da ironia, que ressalta um ponto de vista até então desconhecido sobre elas. O Aleijadinho do romance é abordado de uma maneira mais humana e menos mítica, quando Mourão realça nele a angústia, oriunda da doença e dos conflitos de um mestiço em busca de sua identidade.

O fato de a narrativa estar no ambiente tri-polar proposto por Iser possibilita a inserção de elementos contidos em um mundo referente para âmbitos fictícios e imaginários. O espaço e as personagens apresentam vínculos fortes com o real, inseridos na diegese, no entanto, fomentam a idéia iseriana de que referente, imaginário e fictício são conectados, mas heterogêneos, cada qual

exprimindo sua mobilidade dentro da arte literária, compondo assim uma concepção menos dual de mundo, e, por isso, estabelecendo ruptura. O vínculo entre o espaço, as personagens e os seus referentes não desvinculam a narrativa de Mourão de sua ficcionalidade. Estabelecem, por esse viés, o incômodo indicado por Iser, uma vez que, sob a ótica do teórico alemão, a dicotomia entre real e ficcional não é mais possível.

Mourão evidencia a ruptura, quando elabora uma narrativa autodiegética nas perspectivas em primeira e terceira pessoas que comandam as visões de mundo dos capítulos. A variedade de perspectivas dota o texto da ficcionalidade que parecia, a princípio, menos óbvia no romance. Assim, todo o ponto de vista narrativo pode ser enquadrado com uma credibilidade dúbia: narradores em primeira pessoa tendem a concentrar o foco narrativo na sua perspectiva, fato que provoca questionamentos em leituras mais atentas. Por outro lado, o narrador em terceira pessoa do romance em pauta que deveria ser mais confiável parece acolher interpretações diversas e controversas para os fatos que narra. É o caso, por exemplo, da forma de perceber Ouro Preto – Patrimônio Cultural da Humanidade – pelos moradores e pelos governantes.

A estilística de Dourado e Mourão diferem imensamente. O primeiro baseia-se em uma prosa mais clássica, recheada de um enredo denso, psicológico. O segundo segue um viés pós-moderno, aproveitando-se do discurso jornalístico, num enfoque de denúncia, para salvar a estimada Ouro Preto, mui prezada pelo autor. No entanto, ambos inserem-se no espaço da transgressão, se se considerar a proposta iseriana.

O referente espacial fomenta uma articulação fértil entre texto e leitor, fazendo-o transitar em um enunciado mais palpável, pois o espaço é porção significativa na obra de Mourão e Dourado, imprescindíveis e evidentes. Ouro Preto é revitalizada e chamada a participar do mundo literário, fascinando como cenário de ficção e participando nele como registro da realidade. Tal fascinação e importância foram percebidos pelo cineasta norte-americano Orson Welles, quando, em visita à cidade na década de quarenta, reconhece: “esta é a maior luz do mundo”. Estaria ele remetendo-se à luz referente ou à literária? Se nos basearmos em Iser, teríamos a conjugação das duas.

ABSTRACT

This work uses the theoretical support from Wolfgang Iser's book *O fictício e o imaginário, perspectivas de uma antropologia literária* (1996) to discuss the relationship between reality and fiction in two contemporary novels from Minas Gerais, Brasil: Autran Dourado's *Sinos da agonia* (1974) and Rui Mourão's *Boca de chafariz* (1991).

Referências bibliográficas

DOURADO, Autran. *Os sinos da agonia*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1974.

DOURADO, Autran. *Uma poética de romance: matéria de carpintaria*. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1976.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário, perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer, Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

MOURÃO, Rui. *Boca de chafariz*. Belo Horizonte: Vila Rica, 1991.

